

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

O monoteísmo como base ideológica para o autoritarismo e a centralização [Monotheism as the ideological basis for authoritarianism and centralization]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Wolfart, Graziela
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-10 23:59:59
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160730

Teologia Pública

O monoteísmo como base ideológica para o autoritarismo e a centralização

Felix Wilfred defende que as concepções de Deus não são diferentes das realidades sociais, ao contrário, exercem profunda influência sobre elas

POR GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO LUCAS SCHLUPP

Crítico do monoteísmo, o professor e teólogo indiano Felix Wilfred considera que o mesmo funciona como aniquilador do pluralismo e da diversidade. Para ele, “a concepção de Deus como único tem grande influência na forma de governar. Como há somente um único Deus, torna-se fácil concluir que toda a verdade e poder estão outorgados a uma única pessoa - um imperador, um papa, um bispo etc., excluindo-se práticas democráticas e formas participativas. Então, o monoteísmo poderia servir como uma base ideológica para o autoritarismo e a centralização”. Na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**, dias depois de retornar de sua visita à Unisinos, onde participou do Simpósio Internacional Narrar Deus numa Sociedade Pós-Metafísica. Possibilidades e Impossibilidades, promovido pelo IHU no último mês de setembro, o teólogo acredita que há uma tarefa comum para todas as religiões. “Elas não estão em um mercado competitivo, cada uma reivindicando ter a melhor ideia de Deus. Uma vez que sabemos que o mistério divino é muito maior e mais importante que qualquer símbolo religioso tenha tentado descrever, percebemos que todas elas precisam agir em conjunto para ajudar as pessoas a descobrir Deus”.

Felix Wilfred é professor na Universidade de Madras, em Chennai, na Índia. Escreve frequentemente artigos para revistas de âmbito nacional e internacional, entre os quais citamos *Pro Mundi Vita* (da Bélgica), *Pro Dialogo* (da Itália), *Selecciones de Teologia* (da Espanha), *Communio*. Também contribui com seus artigos para a *New Catholic Encyclopedia*, para *Lexikon fuer Theologie und Kirche* e para o *Cambridge Dictionary of Theology*. Ele é presidente do Comitê Internacional da revista *Concilium*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a contribuição do diálogo inter-religioso no sentido de mostrar que existem várias concepções e experiências de Deus?

Felix Wilfred - A resposta está contida na própria pergunta. A contribuição do diálogo inter-religioso é exatamente demonstrar que há várias concepções e experiências de Deus. Através do diálogo, a pessoa se torna consciente dos limites das concepções e das experiências em sua própria tradição, diante da pluralidade da experiência do sagrado. Este despertar para uma visão muito mais ampla do mistério do

sagrado é a forma com que o diálogo inter-religioso pode contribuir. Além disso, o que se aprende dos fiéis de outras religiões ajuda a rever a própria tradição com novos olhos.

IHU On-Line - O que caracteriza a crise da concepção cristã de Deus?

Felix Wilfred - A primeira crise está relacionada à questão do relacionamento de Deus com o mundo ou o universo. Na interpretação cristã, Deus é um criador e originador de tudo o que há. O mundo e Deus estão relacionados entre si em termos de causa e efeito,

e, conseqüentemente, são diferentes um do outro. Mas tem-se constatado que esta forma de conceber Deus tem sido muito extrínseca, seguindo o modelo da ação humana que produz algum efeito. Uma segunda fonte de crise é a insistência na unicidade de Deus ou no monoteísmo. Na tradição semita isso é tão fundamental que qualquer coisa que se refira à pluralidade de deuses e deusas é visto como o pior dos pecados - o pecado de idolatria.

Uma terceira crise tem a ver com as contradições na concepção cristã sobre Deus, especialmente ao con-

frontar o problema do mal. Uma concepção de Deus exteriorizado, separado do mundo, não tem como evitar a pergunta pela explicação do mal - unde malum? (latim: “de onde vem o mal?”). Uma quarta crise resulta do fato de que uma vida transformada não requer necessariamente a existência de um Deus transcendente. Exemplo claro disto é o budismo, que tem orientação muito ética. Na verdade, o ressurgimento do budismo e sua propagação no Ocidente demonstram unicamente a atração exercida pela percepção ética de relacionamentos corretos e o declínio de uma metafísica que fundamentava a concepção de Deus sobre um relacionamento de dependência. O desafio de orientar-se pela transformação própria sem fazer referência à transcendência, hoje está acompanhado de vários tipos de ética, tais como a ética utilitária e a ética humanística, que não exigem Deus como base. A vida humana é, muitas vezes, representada como um drama, no qual a pessoa desempenha seu papel em meio a agonias e êxtases.

IHU On-Line - Quais são os principais problemas do monoteísmo?

Felix Wilfred - Existe basicamente uma correspondência entre a nossa concepção do divino e a ordem de sociedade que criamos. Neste sentido, concepções de Deus não são diferentes das realidades sociais, ao contrário, exercem profunda influência sobre elas. Monoteísmo é um caso típico. A forma como Deus é descrito como único, sob exclusão de outros, dá ao crente certo senso de poder absoluto e espaço para declarar a posse de toda a verdade. Portanto, como outros deuses e deusas são excluídos em favor de um, a tendência é livrar-se da pluralidade de opiniões, culturas, tradições, estilos de vida etc. Resumindo, o monoteísmo poderia, e de fato assim o fez, funcionar como aniquilador do pluralismo e da diversidade.

Segundo, a concepção de Deus como único tem grande influência na forma de governar. Como há somente um único Deus, torna-se fácil concluir que toda a verdade e poder estão outorgados a uma única pessoa - um imperador, um papa, um bispo etc.,

“O desafio de orientar-se pela transformação própria sem fazer referência à transcendência hoje está acompanhado de vários tipos de ética, tais como a ética utilitária e a ética humanística, que não exigem Deus como base”

excluindo-se práticas democráticas e formas participativas. Então, o monoteísmo poderia servir como uma base ideológica para o autoritarismo e a centralização.

IHU On-Line - Qual é o papel do hinduísmo no sentido de promover a tolerância e evitar guerras religiosas?

Felix Wilfred - Não quero apresentar uma visão perfeita da tradição hindu. Devo admitir que tenham ocorrido sérios conflitos e confrontos dentro da própria tradição hindu em relação às crenças, práticas etc., assim como com outras tradições religiosas. Mas, em geral, a tradição hindu exibe um notável espírito de tolerância e capacidade de relação com uma ampla variedade de experiências religiosas e espirituais. Além disso, a crença hindu básica, de que existem inumeráveis caminhos que nos levam ao divino, estimulou o reconhecimento da liberdade na busca espiritual, e, conseqüentemente, o espírito de tolerância. Não houve nada como Trinta Anos¹ ou Cem

¹ A Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) é a denominação genérica de uma série de guerras que diversas nações européias travaram entre si a partir de 1618, especialmente na Alemanha, por motivos variados: rivalidades religiosas, dinásticas, territoriais e comerciais. (Nota da IHU On-Line)

Anos de guerras religiosas no que se refere ao hinduísmo. Ultimamente, porém, por causa da influência das religiões semitas (judaísmo, cristianismo e islamismo), alguns grupos hindus tornaram-se intolerantes e fundamentalistas. Como observa Arvind Sharma,² o hinduísmo tornou-se intolerante com a intolerância manifestada especialmente nas religiões semitas.

IHU On-Line - Qual o papel do diálogo inter-religioso no sentido de fazer de Deus uma busca humana e no sentido de ajudar as pessoas a descobrir o divino?

Felix Wilfred - Acredito que há uma tarefa comum para todas as religiões. Elas não estão em um mercado competitivo, cada uma reivindicando ter a melhor ideia de Deus. Uma vez que sabemos que o mistério divino é muito maior e mais importante que qualquer símbolo religioso tenha tentado descrever, percebemos que todas elas precisam agir em conjunto para ajudar as pessoas a descobrir Deus. Resumindo, longe de uma abordagem competitiva ao tratar de Deus, as religiões serão colocadas no caminho que ajuda as pessoas a experimentarem o mistério divino.

IHU On-Line - O senhor pode explicar a questão da existência de um Deus transcendente? Em que sentido o budismo apresenta essa questão como um desafio?

Felix Wilfred - A realidade de Deus é geralmente apresentada para explicar a existência do mundo e do universo. Utilizando a experiência humana de causa e efeito, começa-se a pensar Deus como a causa do mundo e do universo. O budismo é um desafio para esta forma de imaginar Deus, utilizando o argumento da causalidade. Pois ele acredita que causa e efeito não podem ser separados. Um está no outro. Por isso, o budismo apresenta um sério desafio para a concepção de um Deus transcendente como criador e causa do universo. Segundo, Deus é colocado como ponto de referência ou

² Arvind Sharma: autor de livros e artigos sobre religiões comparadas, hinduísmo, e o papel da mulher na religião. Entre seus livros, citamos *Our Religions* e *Women in World Religions*. (Nota da IHU On-Line)

base para práticas éticas. O budismo, por outro lado, sustenta fortes ideais éticos sem ter que recorrer a um Deus transcendente. Sabedoria, solidariedade e compaixão sugeridas pelo budismo para todas as criaturas são praticadas sem referência a qualquer transcendência de um Deus pessoal.

IHU On-Line - Por que o senhor acredita que várias religiões juntas ajudam mais a descobrir o mistério de Deus do que uma religião sozinha?

Felix Wilfred - Isso ocorre porque Deus é um mistério, e cada religião consegue fazer com que vejamos apenas um pequeno fragmento dele. Na tradição indiana, há uma história famosa sobre os cinco homens cegos que descreveram de formas completamente diferentes suas experiências com um elefante. O que tocou as pernas robustas disse que o elefante é como uma árvore; o que tocou sua orelha disse que o elefante é como uma peneira de palha; o que tocou na tromba disse que o elefante era como um tubo maciço. Isto é o que muitas vezes ocorre com as religiões. Não se pretende uma visão completa de Deus, juntando as várias descrições e imagens que cada religião apresenta d'Ele, assim como, ao juntar as descrições feitas pelos homens cegos sobre o elefante, não temos a visão completa do mesmo. O que temos realmente são simples fragmentos e fagulhas que nos ajudam a compreender um pouco mais, e juntá-los não nos dará a visão completa. Vivemos de percepções que adquirimos diariamente e de novas centelhas de experiência divina.

IHU On-Line - O que podemos entender pela abordagem mística de Deus?

Felix Wilfred - O que respondi na questão anterior também nos leva a responder esta questão. Se o que dissemos relativo ao mistério de Deus for verdade, então, os instrumentos humanos de conhecimento da razão e da mente não são capazes de nos levar ao mistério de Deus. É baseado na experiência e em uma forma de conhecimento que não é derivada da dicotomização entre sujeito e objeto. Pois Deus não é um objeto como qualquer outro da nossa experiência diária. Seria mais

“Hoje deveria haver um esforço consciente para narrar Deus a partir do relacionamento das pessoas humanas com a natureza”

correto afirmar que Deus é o sujeito, que, ao conhecê-lo, a gente conhece a si mesmo e tudo o que há. A abordagem mística é uma abordagem em que o sujeito, pela união, entra no Sujeito. A pessoa (self; si-mesmo) imerge na grande Pessoa (Self). A abordagem mística proporciona conhecimento e experiência de Deus através da união e comunhão.

IHU On-Line - Como o conceito de pós-metafísica aparece no budismo e no hinduísmo?

Felix Wilfred - Se entendo bem o que na filosofia contemporânea ocidental é caracterizado como pensamento pós-metafísico sob influência de pensadores como Heidegger, Jürgen Habermas, Michel Foucault e outros, não consigo resistir em dizer que isso é algo que o budismo e algumas vertentes do hinduísmo sempre têm dito e que pensadores ocidentais descobriram recentemente no contexto do desenvolvimento de seus próprios pensamentos. O budismo, em particular, tem desafiado a atribuição de propriedades permanentes ou metafísicas a qualquer coisa. Sempre sustentou a fluidez ou o fluxo e a transitoriedade de tudo, e caracterizou como fantasia qualquer tentativa de capturar a realidade em um molde metafísico permanente. É por isso que acho que há muito espaço para conversas e diálogos entre o pensamento pós-metafísico proposto recentemente no Ocidente e os ramos pós-metafísicos tradicionais do pensamento e cultura budistas e hinduístas. Ambos os pensamentos, pós-metafísico ocidental e pós-metafísico budista, poderiam se unir para desafiar a concepção cristã dominante

sobre Deus.

IHU On-Line - Quais as características de um Deus pós-metafísico e como ele se insere em uma sociedade pós-secular?

Felix Wilfred - Diferentemente da tradição ocidental e semita, a tradição indiana, especialmente a tradição budista, sempre enfatizou a fluidez ou a transitoriedade da realidade em contraste à sua solidificação num molde metafísico. O secularismo, dentre outras coisas, veio a ser a negação de uma concepção de Deus e de religião que alegou explicar a totalidade da vida em todas as suas dimensões. Foi em reação a isso que o ideal secularista ocidental surgiu, afirmando a autonomia e independência do mundo. Se o pós-metafísico coloca o indivíduo em uma jornada pela descoberta da realidade última, o caráter pós-secular nos diz que esta descoberta tem significado social e até mesmo político. A abordagem pós-metafísica de Deus precisa andar paralelamente com a pós-secular, desafiando a veracidade do processo secularista. A grande vantagem de uma abordagem pós-metafísica de Deus, que precisa acontecer em todas as tradições religiosas, é que ela desafia a narrativa dada sobre Deus ou crenças como definitivas, acima de qualquer dúvida e verificação. As religiões ficam presas no mito metafísico quando se vinculam às imagens pré-determinadas de Deus e aos sistemas de crenças. Uma cosmovisão evolucionária e a compreensão do quanto o sujeito está envolvido na construção da realidade têm grandes repercussões sobre as narrativas tradicionais sobre Deus. Estas abordagens, ao mesmo tempo em que desafiam as narrativas de Deus presas à fixação metafísica, também poderiam ter uma influência sobre a esfera pública. “Domínio público” é termo técnico com outro significado.

A linguagem humana e a linguagem da natureza

O antropocentrismo não precisa ser um obstáculo para Deus, se entendermos que os seres humanos podem acessar o mistério divino a partir das

suas próprias experiências. É natural que os seres humanos utilizem imagens e símbolos que reflitam a si próprios quando falam de Deus. Hoje deveria haver um esforço consciente para narrar Deus a partir do relacionamento das pessoas humanas com a natureza. De certa forma, a natureza espelha a realidade fundamental não menos do que os seres humanos. Por isso, a linguagem humana precisa incorporar também a linguagem da natureza, uma eco-espiritualidade ao narrar Deus e a realidade definitiva. O eurocentrismo infelizmente restringe o acesso a Deus e a narrativa sobre Deus à experiência ocidental limitada. Caso as tradições religiosas não revisarem seriamente as bases metafísicas de suas narrativas sobre Deus, poderão interferir na sociedade e no âmbito político de forma a pôr em risco a paz e a harmonia. As sociedades no Oriente e no Ocidente precisam ser tanto pós-metafísicas quanto pós-seculares. Isto requer uma transformação nas narrativas metafísicas tradicionais sobre Deus por parte das religiões, e uma transformação por parte das sociedades seculares, para uma sociedade pós-secular que permita a expressão social e política da experiência pós-metafísica de Deus. Hoje, tanto nas sociedades em desenvolvimento como nas sociedades pós-seculares, reconhecemos o papel que a religião possui. Uma interpretação renovada da religião e da imagem de Deus nas diversas tradições religiosas é fundamental para um papel público e construtivo da religião nas sociedades - tanto no Oriente quanto no Ocidente.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Felix Wilfred à IHU On-Line:

* *Jesus pertence ao conjunto da humanidade*, publicada nas *Notícias do Dia*, de 16-12-2007, e disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=11371;

* *Fluidez e abertura nas narrativas de Deus na sociedade pós-metafísica*, publicada na IHU On-Line número 308, de 14-09-2009, e disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1808.

Entrevista da Semana

“A complexidade do ser humano permite que a liberdade seja possível”

Teoria da evolução não pode explicar a vida como se a liberdade humana não existisse, adverte Louis Caruana. Relações humanas com o outro são fundamento para construção da moralidade

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

Analisando a teoria da evolução em consonância com a moralidade, o filósofo jesuíta Louis Caruana disse que “a organização de razões que guiam a ação, de modo a atingir um bom nível de autoconsciência, é o maior constituinte da teoria moral”. Segundo ele, a liberdade humana é uma característica preocupante para muitos cientistas. “Eles pensam que tudo poderia ser explicado ou em termos de leis científicas ou em termos de cego acaso. Muitos outros cientistas, no entanto, estão se dando conta que esta visão é demasiado simplista. Eles aceitam que a vontade livre é uma característica óbvia do ser humano e, em certa medida, também de diversos animais não-humanos. A teoria da evolução não pode ser empregada para explicar a vida como se a liberdade humana não existisse”. E arremata: “O fato de que um ser humano individual sempre encontra realização em relação com outros é o bloco construtivo fundamental pelo qual a moralidade poderia ser construída”.

Nascido em Malta e graduado em Filosofia, Caruana lecionou na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma - PUG, e hoje é professor titular de Filosofia no Heythrop College, na Universidade de Londres, Inglaterra. Em 1980, ingressou na Companhia de Jesus, pois tomou consciência de que Deus o chamava “para seguir Jesus de modo muito especial”. É professor adjunto no Observatório Vaticano. Organizou a obra *Darwin and Catholicism The Past and Present Dynamics of a Cultural Encounter* (Oxford: T & T Clark International, 2009) e escreveu, entre outros, *Holism and the Understanding of Science, and of Science and Virtue: An Essay on the Impact of the Scientific Mentality on Moral Character* (Aldershot: Ashgate, 2000). Em 12 de setembro, Caruana foi um dos conferencistas do IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. Confira a entrevista.